

## CLUBE FLORESTA MONTENAGRINA: COMEMORAR E RESISTIR

BRUNA BORGES DA SILVA<sup>1</sup>;  
; DANIEL LUCIANO GEVEHR<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Faculdades integradas de Taquara- FACCAT – [bruna\\_borges@sou.faccat.br](mailto:bruna_borges@sou.faccat.br)

<sup>2</sup>Faculdades Integradas de Taquara- FACCAT – [danielgevehr@faccat.br](mailto:danielgevehr@faccat.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco as comemorações de aniversário da Associação Beneficente Cultural Floresta Montenegrina, fundada em 1916, em Montenegro, Vale do Caí/RS. O clube se consolidou como espaço de sociabilidade da comunidade negra, em um contexto marcado pela imigração europeia e pela exclusão dos negros dos clubes sociais tradicionais (ERNZEN, 2007). Sua trajetória se insere no movimento mais amplo do associativismo negro, que, no pós-abolição, criou alternativas de organização social, cultural e política em diferentes regiões do Brasil (DOMINGUES, 2007; LONER, 1997; OLIVEIRA, 2011; MAGALHÃES, 2017).

O Jornal Ibiá, fundado em 1983 e de circulação regional, tem papel relevante como veículo de comunicação local, acompanhado por diferentes setores da sociedade montenegrina. Por se apresentar como um jornal plural e aberto a diversos segmentos, suas páginas tornam-se um espaço privilegiado para observar como grupos sociais se projetam no espaço público.

A imprensa é tomada como fonte histórica porque permite acompanhar o cotidiano e perceber as representações sociais construídas sobre determinados grupos (ELMIR, 1995; LUCA, 2005). No caso do Floresta, as reportagens sobre seus aniversários no *Jornal Ibiá* dão visibilidade às práticas culturais e ajudam a entender como a memória negra se manifesta no município.

As comemorações são centrais nesse processo. Como lembra Nora (1993), elas funcionam como “lugares de memória”, atualizando o passado e atribuindo sentidos coletivos. As representações construídas pela imprensa, como destaca Chartier (2002), não são reflexo da realidade, mas interpretações carregadas de significados. Pesavento (2005, 2014) reforça a importância de analisar essas práticas no âmbito da história cultural.

O objetivo geral é analisar como o *Jornal Ibiá* representou o Clube Floresta Montenegrina em suas comemorações entre 2006 e 2016. Como objetivos

específicos: (a) caracterizar a presença negra em Montenegro; (b) recuperar a trajetória do clube; e (c) examinar as festividades registradas pela imprensa.

Assim, busca-se valorizar a memória negra regional e refletir sobre o papel do jornal como mediador de identidades étnicas e culturais (WEBER, 2008), entendendo o Floresta não só como espaço de lazer, mas como símbolo de resistência no Vale do Caí.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, com recorte entre 2006 e 2016, período que vai das comemorações de 90 anos ao centenário do Clube Floresta Montenegrina. As fontes foram edições do *Jornal Ibiá*, de circulação regional, consultadas nos meses de setembro e outubro, já que o aniversário ocorre em setembro e as festividades em geral em outubro.

Foram localizadas treze reportagens e notas sobre as comemorações. A análise seguiu a proposta de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), articulada ao paradigma indiciário (GINZBURG, 1990), que valoriza sinais e vestígios presentes nas fontes jornalísticas.

A imprensa foi tratada como fonte histórica (ELMIR, 1995; LUCA, 2005; ESPIG, 1998), entendida tanto como registro quanto como produtora de representações sociais. A fundamentação se ancora na história cultural (PESAVENTO, 2005), usando os conceitos de lugares de memória (NORA, 1993) e representação (CHARTIER, 2002), além da reflexão de Weber (2008) sobre imprensa e etnia.

Dessa forma, a metodologia combinou levantamento sistemático de fontes impressas com uma leitura interpretativa, buscando compreender como o jornal representou o clube e de que forma essas representações reforçam sua identidade, memória e resistência.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2006 e 2016, o *Jornal Ibiá* deu destaque ao Clube Floresta Montenegrina em seus aniversários, sobretudo nos 90 anos, em 2006, e no centenário, em 2016. Foram treze reportagens localizadas, confirmando o papel do jornal como espaço de legitimação e como “arquivo do cotidiano” (ESPIG, 1998).

As comemorações se organizaram em torno de missas de ação de graças, jantares e almoços festivos e atrações musicais, como samba, pagode e hip hop, elementos que se consolidaram como rituais da memória do clube e demonstram que a imprensa reforça práticas sociais reconhecidas pela comunidade (WEBER, 2008).

Além da dimensão festiva, o Floresta ampliou sua inserção em redes de sociabilidade negra, como no 6º Encontro Festivo do Coletivo de Clubes Sociais Negros do RS, em 2012. Esse aspecto confirma os clubes como lugares de memória e resistência (ESCOBAR, 2010). Em diferentes edições, o jornal também destacou a presença de autoridades, sinalizando a relevância pública do Floresta.

As reportagens permitem identificar três representações principais: uma história de luta, associando o clube à trajetória da população negra no Vale do Caí desde o período escravista (ERNZEN, 2007; KUHN, 2002); um símbolo de resistência, enquanto espaço de afirmação identitária frente à exclusão racial (DOMINGUES, 2007); e a visibilidade cultural, com destaque para projetos como a Festa das Crianças e a Semana da Consciência Negra, que reforçam sua função comunitária (MAGALHÃES, 2017).

No centenário, em 2016, o *Jornal Ibiá* dedicou páginas inteiras ao clube e à presença negra em Montenegro, atribuindo ainda maior importância ao jantar-baile, descrito como evento “tradicional” (NORA, 1993). Essa cobertura mostra como as comemorações do Floresta já estavam institucionalizadas e reconhecidas pela comunidade. Mais do que registrar, a imprensa ajudou a reafirmar a identidade coletiva do clube, tornando-o visível como espaço de memória e resistência negra em uma cidade onde, por muito tempo, essa presença permaneceu silenciada.

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo sobre as comemorações do Clube Floresta Montenegrina no *Jornal Ibiá* permitiu compreender como a imprensa regional atua na construção de sentidos sobre a memória negra em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. A inovação do trabalho está em dar centralidade a um clube social negro pouco explorado pela historiografia, evidenciando sua importância como espaço de resistência, sociabilidade e identidade da comunidade negra de Montenegro.

Ao tomar a imprensa como fonte histórica, foi possível perceber que os jornais não apenas registram acontecimentos, mas também os legitimam,

conferindo visibilidade às práticas sociais de grupos historicamente marginalizados. Nesse sentido, a pesquisa contribui para o fortalecimento do debate sobre associativismo negro, memória e representações culturais, inserindo o Clube Floresta Montenegrina no conjunto de experiências que reafirmam a presença e a relevância da população negra no Rio Grande do Sul.

## 1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.
- ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, p. 19-31, 1995.
- ERNZEN, Ana Gabriela Kranz. *Os negros não tinham aonde ir: sociabilidade e resistência – o Clube Negro Sociedade Floresta Montenegrina (1916)*. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.
- ESPIG, Márcia Janete. A imprensa como fonte histórica: os jornais como arquivos do cotidiano. In: WERLE, Flávio (Org.). *Oficina de história: teoria e prática*. Ijuí: Unijuí, 1998. p. 273-284.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- MAGALHÃES, Magna Lima. *Associativismo negro no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2017.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2014.
- WEBER, Regina. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antônio;